ISSN: 2358-8829

RELATO DE EXPERIÊNCIA: a utilização do método fônico no processo de alfabetização em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental

Sergiana Sousa de Oliveira Aprigio [1]
Brenda Abigail Freire de Jesus Coelho[2]
Gisely Cristina Santiago Loura Costa[3]
Maria da Assunção Silva Carlos [4]
Zulene dos Santos Carvalho[5]

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui um processo complexo que envolve a apropriação do sistema de escrita alfabética e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita (Soares, 2020; Brasil, 2018). Nesse percurso, a criança precisa compreender progressivamente a relação entre as unidades sonoras da fala e suas representações gráficas (Morais, 2012; Costa, 2023). Para Soares (2020), o êxito desse aprendizado requer tanto o domínio dos conhecimentos específicos do sistema de escrita quanto a inserção da criança em práticas sociais de leitura e produção textual (Soares, 2004, 2020).

Diferentes pesquisas no campo da psicologia cognitiva e da educação destacam a consciência fonológica como fator relevante para o aprendizado da escrita alfabética. Investigações empíricas revelam que habilidades de reflexão sobre os sons da língua atuam como importantes preditoras do sucesso leitor subsequente (Capovilla; Capovilla, 2000, 2004; Capovilla; Seabra; Gütschow, 2004). Da mesma forma, o método fônico ganha espaço nas políticas educacionais recentes, a exemplo da Política Nacional de Alfabetização, ao enfatizar o ensino explícito das relações grafema-fonema (Brasil, 2019; Puliezi, 2019).

Entretanto, autores sustentam que o trabalho fônico precisa integrar uma perspectiva ampla de alfabetização (Soares, 2004, 2021; Morais, 2012, 2019). O ensino

[1] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino da Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, sergianaaprigio080@gmail.com;
[2] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino da Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, brenaabigailfreire64@gmail.com;
[3] Graduanda do Curso de Pedagogia – Instituto Pedreirense de Educação e Extensão- IPEDE giselysantiago2606@gmail.com;
[4] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino da Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, mas.carlos@discente.ufma.com.br;
[5] Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino da Educação Básica – PPEEB da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, zulene201605@gmail.com

das relações entre letras e sons não deve ocorrer de forma mecânica ou isolada do contexto letrado (Araújo, 2022; Silva, 2020). Nesse sentido, a experiência relatada buscou desenvolver estratégias fônicas articuladas à leitura de poemas, jogos pedagógicos, escrita de palavras e produção de textos em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental (Soares, 2017; Leal, 2015).

Essa proposta fundamenta-se em intervenções desenvolvidas previamente pelas pesquisadoras em um Projeto Social de educação não formal no município de Codó – MA, as quais apresentaram resultados consistentes no fortalecimento do aprendizado leitor. A partir dessa vivência prévia e diante das dificuldades identificadas no reconhecimento de letras, na associação entre sons e grafias e na leitura de palavras simples em uma turma do 2º ano de uma escola pública do mesmo município (Silva, 2020; Costa, 2023), optou-se pela aplicação da instrução fônica no contexto escolar. Diante disso, estabeleceu-se como objetivo deste trabalho relatar e refletir sobre os resultados dessa intervenção pedagógica. Diante disso, estabeleceu-se como objetivo deste relato apresentar e refletir sobre a experiência pedagógica de aplicação do método fônico articulado a abordagens contextualizadas de leitura e escrita.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, pautado em observações participantes e diário de campo (Minayo, 2012; Esteban, 2010). Quanto aos resultados, a aplicação das estratégias fônicas articuladas a gêneros textuais proporcionou avanços expressivos no reconhecimento grafofonêmico e na autonomia leitora, ao mesmo tempo em que revelou os desafios da heterogeneidade dos ritmos de aprendizagem. Conclui-se que o trabalho com os sons da língua amplia a eficácia da alfabetização quando integrado a práticas letradas com sentido (Soares, 2004; Morais, 2012; Costa, 2023).

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvido a partir de uma intervenção pedagógica realizada em uma escola pública municipal no município de Codó – MA (Esteban, 2010; Minayo, 2012). O público-alvo da intervenção compreendeu uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por 18 estudantes com idades entre 7 e 8 anos. A escolha desse ciclo de ensino justifica-se pelo fato de o 2º ano constituir a etapa delimitada pela Base

Nacional Comum Curricular para a consolidação e finalização do processo de alfabetização (Brasil, 2018).

2.2 DIAGNÓSTICO INICIAL DAS APRENDIZAGENS

A organização da experiência teve início a partir de uma avaliação diagnóstica das aprendizagens da turma. Essa etapa inicial abrangeu a verificação do nível de reconhecimento das letras, a associação entre sons e grafias e a leitura de palavras simples. Constatou-se que a maior parte dos 18 estudantes apresentava insegurança e dificuldades nessas habilidades básicas, o que comprometia o avanço da aprendizagem leitora (Capovilla; Capovilla, 2004; Morais, 2012, 2019).

2.3 PLANEJAMENTO E PROGRESSÃO PEDAGÓGICA

A partir das necessidades identificadas no diagnóstico, a proposta estruturou-se em atividades sistemáticas organizadas por níveis crescentes de complexidade. Inicialmente, a prática priorizou exercícios de escuta, discriminação, identificação e comparação de sons. Em etapa posterior, a intervenção introduziu a associação entre sons e letras, a formação de sílabas, a construção de palavras e a leitura de textos curtos.

A organização das ações seguiu uma perspectiva de graduação pedagógica: a proposta teve início nas unidades sonoras mais perceptíveis da fala (palavras e sílabas) e avançou até as situações que exigiram maior atenção às relações explícitas entre fonemas e grafemas (Soares, 2021; Costa, 2023).

2.4 EIXOS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS

Com o propósito de conectar a instrução fônica sistemática ao universo cultural dos estudantes, as ações pedagógicas articularam o ensino do código alfabético a práticas vivas de leitura e escrita (Leal, 2015; Silva, 2020). A intervenção organizou-se em três eixos integrados de trabalho: a) Consciência Fonológica, Sensibilidade Grafofonêmica e Jogos Pedagógicos: A mediação pedagógica priorizou a escuta atenta, a memória auditiva, a motricidade e a exploração lúdica dos sons da língua. Por meio de jogos pedagógicos diversos (jogos de escuta, memória auditiva, associação imagem-palavra e rimas), poemas e canções, os estudantes investigaram o ritmo e a sonoridade das palavras, exercitando a discriminação de sons iniciais (aliterações) e finais (rimas). A partir dessa sensibilização auditiva, promoveu-se a associação explícita entre os fonemas explorados

ISSN: 2358-8829

(vogais e consoantes) e suas correspondentes letras. b) Construção Viva do Sistema de Escrita Alfabética e Manipulação Silábica: Neste eixo, o aprendizado da mecânica da escrita ultrapassou a mera cópia passiva. As crianças manusearam sílabas móveis para a composição, decomposição e recomposição de palavras, o que estimulou a percepção e a compreensão da estrutura silábica. As atividades incluíram a leitura reflexiva de palavras e a realização de ditados reflexivos com o apoio de recursos visuais e manipuláveis.c) Leitura, Letramento e Produção de Frases com Sentido: A apropriação do código alfabético desenvolveu-se em diálogo permanente com a cultura escrita. As práticas envolveram a apreciação de poemas e textos curtos, com a realização de leituras coletivas e individuais. Durante a convivência com os textos, os estudantes localizaram palavras-chave, identificaram letras e avançaram para a construção de noções frasais e a produção autoral de frases e pequenos textos, fortalecendo a autonomia leitora.

2.5 MEDIAÇÃO DOCENTE E AVALIAÇÃO PROCESSUAL

Ao longo do desenvolvimento das atividades, a atuação docente pautou-se na mediação ativa, com a realização de intervenções individuais e coletivas, bem como a imediata retomada de conteúdos sempre que se constataram dúvidas ou defasagens.

A avaliação ocorreu de forma contínua, formativa e processual (Luckesi, 2011). Os instrumentos de acompanhamento compreenderam a observação direta da participação dos estudantes, a análise das produções escritas e o monitoramento sistemático das situações de leitura.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre a alfabetização exige a compreensão da natureza alfabética da nossa escrita e dos usos sociais da linguagem (Soares, 2004, 2020; Brasil, 2018). Conforme demonstra Magda Soares (2004, 2021), a entrada da criança no mundo da escrita abrange três dimensões essenciais e indissociáveis: a faceta linguística, voltada ao aprendizado do sistema alfabético-ortográfico; a faceta interativa, focada na compreensão e expressão de significados por meio de gêneros textuais; e a faceta sociocultural, vinculada aos eventos sociais que utilizam a cultura escrita.

Para a autora, a alfabetização abrange a apropriação da tecnologia do sistema de escrita alfabética, ao passo que o letramento se relaciona ao desenvolvimento das habilidades de uso da leitura e da escrita nas diversas práticas sociais (Soares, 2020). A

ISSN: 2358-8829

ação pedagógica nos anos iniciais exige a articulação simultânea entre a alfabetização e o letramento. o princípio do alfabetizar letrando (Soares, 2004; Leal, 2015). A apropriação do código alfabético ganha sentido no interior de práticas sociais reais, da mesma forma que o letramento se consolida na medida em que a criança domina o sistema de escrita (Soares, 2017; Silva, 2020).

A discussão sobre a eficácia das metodologias de ensino nos anos iniciais ganha centralidade na pesquisa de Costa (2023), que investiga a relação entre a teoria pedagógica e a prática dos docentes alfabetizadores na rede municipal de Pouso Alegre, MG. Em seu estudo, a autora destaca a necessidade de conferir maior visibilidade à instrução fônica explícita e ao ensino sistemático das relações grafema-fonema para garantir a apropriação do sistema de escrita alfabética. A autora ressalta a relevância do método fônico para o ensino inicial da leitura e da escrita e para a conquista da autonomia leitora (Costa, 2023):

> O Método Fônico desempenha um papel fundamental na Alfabetização de crianças, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Ao focar na relação entre os sons das letras e suas correspondentes representações gráficas, o Método Fônico permite que as crianças compreendam como as palavras são construídas foneticamente, o que facilita a decodificação. (Costa, 2023, p. 138-139).

A afirmação de Costa (2023) alinha-se aos pressupostos da Psicologia Cognitiva da Leitura e às investigações de autores como Capovilla e Capovilla (2000, 2004) e Adams (2006), os quais defendem que o aprendizado da leitura e da escrita não ocorre de forma natural ou espontânea. Sob essa ótica, a escrita alfabética constitui um sistema notacional fundado na correspondência grafofonêmica; por isso, a instrução fônica direta e sistemática apresenta-se como a estratégia mais eficaz para ensinar à criança o princípio alfabético (Capovilla; Capovilla, 2004; Adams, 2006).

A instrução fônica sistemática procura tornar explícita a relação entre os sons da fala e suas representações gráficas. Capovilla e Capovilla (2000, 2002) defendem o ensino sistemático dessas correspondências como parte integrante de uma abordagem voltada à alfabetização. Para os autores, o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e do processamento fonológico favorece diretamente a aquisição da leitura e da escrita (Capovilla; Capovilla, 2002). Em pesquisas com crianças de escolas públicas, Capovilla e Capovilla (2000) e Capovilla, Seabra e Gütschow (2004) comprovaram que intervenções com foco na consciência fonêmica, na discriminação auditiva e no

conhecimento de letras promovem avanços significativos na leitura de palavras, no ditado e no desempenho escolar subsequente.

De maneira convergente, Dias e Seabra (2011) analisam a delimitação dos métodos de alfabetização sob a ótica da Psicologia Cognitiva da Leitura, sustentando a superioridade pedagógica da instrução fônica sistemática em comparação a abordagens exclusivamente globais ou construtivistas. As autoras argumentam que, embora métodos construtivistas pressuponham a aquisição espontânea da leitura pela mera imersão em ambientes letrados, as evidências científicas demonstram que o domínio do sistema alfabético exige o ensino explícito e direto do código. Assim, o método fônico articula a instrução grafofonêmica explícita ao desenvolvimento de habilidades metafonológicas, o que fornece ao estudante o mecanismo de decodificação autogerativa essencial para a autonomia leitora. Além disso, a aplicação de estratégias fônicas e multissensoriais destaca-se como medida eficaz na prevenção e na remediação de dificuldades de aprendizagem (Dias; Seabra, 2011).

Entretanto, a utilização do método fônico também precisa de uma compreensão crítica. Aragão e Morais (2020), ao investigarem crianças alfabetizadas por meio do método fônico, observaram que tarefas que exigiam a verbalização isolada de fonemas apresentavam dificuldades mesmo entre crianças com domínio consolidado sobre aspectos do sistema de escrita. Os autores discutem, portanto, os limites de práticas pedagógicas calcadas exclusivamente no treino isolado dos fonemas (Aragão; Morais, 2020). Essa discussão revela-se fundamental para a presente experiência, pois a proposta desenvolvida não teve como finalidade reduzir a alfabetização à memorização mecânica de sons ou sílabas. O trabalho utilizou estratégias fônicas como parte de um conjunto amplo de práticas pedagógicas com inclusão de leitura, oralidade, interpretação e produção escrita (Morais, 2012, 2019; Leal, 2015).

Essa perspectiva articula-se aos documentos curriculares e às políticas educacionais nacionais. A própria definição de alfabetização presente na Política Nacional de Alfabetização (PNA) compreende a aprendizagem das habilidades de leitura e escrita com vistas à autonomia e à compreensão leitora (Brasil, 2019). Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, para o 2º ano do Ensino Fundamental, aprendizagens relativas à construção do sistema alfabético e à ortografia, com a inclusão de habilidades de segmentação e manipulação de sílabas e palavras (Brasil, 2018). A BNCC contempla, de modo expresso, o trabalho com as relações entre

grafemas e fonemas no processo de alfabetização (Brasil, 2018). Assim, o trabalho com os sons da língua integra uma prática alfabetizadora viva, a qual conecta o conhecimento do sistema de escrita às situações reais de leitura e produção textual (Soares, 2021; Araújo, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da experiência, observou-se que parte dos estudantes apresentava dificuldades no reconhecimento de determinados sons e no estabelecimento da correspondência entre esses sons e as letras utilizadas para sua representação. Registraram-se também desafios na combinação de sílabas e na leitura de palavras fora do vocabulário cotidiano das crianças (Silva, 2020; Costa, 2023).

Diante desse cenário, a intervenção enfatizou, na primeira fase, a oralidade e os jogos de escuta atenta, os quais desempenharam papel estruturante na sensibilização auditiva da turma. A prática priorizou a leitura de poemas, momento em que as crianças exercitavam a pronúncia das palavras, a observação das unidades sonoras e a identificação de semelhanças e diferenças entre elas (Morais, 2012, 2019). Em uma das atividades, apresentou-se um conjunto de palavras extraídas dos textos para que os estudantes identificassem as que começavam com determinado som. Posteriormente, com o auxílio de jogos de memória e da apresentação explícita da letra correspondente, promoveu-se a articulação gradual entre fala e escrita sem o recurso à memorização mecânica (Leal, 2015; Soares, 2021).

Em etapa subsequente, a prática empregou letras e sílabas móveis para a formação de palavras. Os estudantes organizavam os elementos, realizavam a leitura e verificavam a correspondência entre a palavra construída e a imagem apresentada. Essa dinâmica favoreceu a percepção de que a estrutura e a ordenação dos grafemas interferem diretamente na constituição do vocábulo. Essas práticas aproximam-se das habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular para o 2º ano, especialmente as relativas à segmentação e manipulação de sílabas para a formação de novas palavras (Brasil, 2018). Os jogos pedagógicos também desempenharam papel estruturante na intervenção (Leal, 2015). Ademais, menciona-se a realização de atividades de identificação de palavras com sons semelhantes (rimas e aliterações), associação entre imagens e textos, reconhecimento de letras e criação de novos vocábulos a partir da substituição silábica. Um dos aspectos de destaque durante a experiência consistiu na ampliação da atenção

dos estudantes aos sons presentes nas palavras. Crianças que no início demonstravam pouca segurança passaram a buscar a correspondência grafofonêmica e a realizar combinações para a leitura autônoma.

Notaram-se também avanços nas situações reais de leitura. Parte dos estudantes passou a ler palavras com maior autonomia, com base nos conhecimentos construídos nas atividades. Nas situações coletivas, tornou-se mais frequente a participação espontânea e a iniciativa para a leitura de enunciados. Esses resultados dialogam diretamente com a literatura científica: Capovilla e Capovilla (2000, 2004) identificaram ganhos significativos em habilidades fonológicas, leitura, escrita e conhecimento de letras após programas de intervenção sistemáticos em escolas públicas.

Entretanto, a experiência demonstrou que os estudantes não apresentavam um ritmo uniforme de aprendizagem. Enquanto alguns realizavam rapidamente a associação entre sons e letras, outros necessitavam de maior tempo, repetição e mediação individualizada. Essa heterogeneidade exigiu constante reorganização do planejamento pedagógico. Em determinados momentos, fez-se necessária a retomada de sons já trabalhados, a redução da quantidade de elementos apresentados ou o uso reforçado de recursos visuais e materiais manipuláveis.

As atividades integraram progressivamente palavras, frases, poemas e pequenos textos. Essa escolha pedagógica aproxima-se das reflexões de Aragão e Morais (2020), que alertam para as dificuldades de crianças em tarefas de verbalização isolada de fonemas, o que indica que a aprendizagem da escrita não pode ser reduzida ao treinamento mecânico de unidades sonoras descontextualizadas.

Dessa maneira, a experiência possibilitou compreender que a instrução fônica apresenta maior significado pedagógico quando o ensino das relações grafofonêmicas se articula às práticas efetivas de leitura, oralidade e produção escrita (Soares, 2004, 2021; Morais, 2012, 2019; Costa, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental permitiu observar as possibilidades do uso sistemático de estratégias fônicas no desenvolvimento de habilidades relacionadas à consciência fonológica, ao reconhecimento de letras, à formação de sílabas e à leitura de palavras. As atividades realizadas indicaram avanços na atenção aos sons da língua e na construção das relações

entre grafemas e fonemas. Foi possível perceber, maior segurança de parte dos estudantes diante das situações de leitura e escrita (Capovilla; Capovilla, 2004; Costa, 2023).

Entretanto, a experiência evidenciou que o trabalho com o método fônico não deve ser compreendido como uma prática isolada ou restrita à repetição mecânica de sons, letras e sílabas. A aprendizagem mostrou-se mais significativa quando as atividades de natureza fônica se articularam a poemas, palavras, frases, textos, jogos, oralidade e produção escrita. Nesse sentido, a principal contribuição da experiência está na compreensão de que o ensino sistemático das relações entre fonemas e grafemas pode ocupar um lugar importante na prática alfabetizadora, desde que acompanhado de mediação docente, acompanhamento individualizado e situações que permitam às crianças atribuir sentido ao que leem e escrevem (Soares, 2004, 2021; Morais, 2012, 2019).

A experiência também reforçou a necessidade de considerar os diferentes ritmos de aprendizagem presentes em uma mesma turma. O planejamento precisa ser flexível o suficiente para possibilitar retomadas, novas estratégias e diferentes formas de participação. Desse modo, a experiência evidencia a importância de uma prática alfabetizadora intencional, sistemática e sensível às necessidades das crianças, na qual o conhecimento sobre os sons da língua esteja integrado ao uso significativo da linguagem escrita (Brasil, 2018; Leal, 2015).

Palavras-chave: Alfabetização, Método Fônico, Intervenção Pedagógica.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn Jager et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. São Paulo: Artmed, 2006.

ARAGÃO, Cláudia Odenheim; MORAIS, Artur Gomes de. O trabalho com a consciência fonológica no método fônico: análise de habilidades e dificuldades de crianças alfabetizadas. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 12, p. 45-62, 2020.

ARAÚJO, Rosivânia Diniz. **A consciência fonológica no processo de alfabetização**: análise do curso de formação continuada em práticas de alfabetização. 2022. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2022.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 71, p. 1-2, 12 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 7-24, 2000.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização fônica**: computacional e multissensorial. São Paulo: Memnon, 2002.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização**: método fônico. 3. ed. São Paulo: Memnon, 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; GÜTSCHOW, Cláudia Regina Danelon; CAPOVILLA, Fernando César. Habilidades cognitivas que predizem competência de leitura e escrita. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 13-26, 2004.

COSTA, Zilá Carvalho. **Alfabetização, método fônico e seus processos**: um estudo com professores alfabetizadores. 2023. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2023.

DIAS, Natália Martins; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, v. 3, n. 3, p. 14-24, 2011.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação e aprendizagem**: reflexões e práticas. São Paulo: Cortez, 2010.

LEAL, Telma Ferraz (org.). **Jogos de alfabetização**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a.

MORAIS, Artur Gomes de. Análise crítica da PNA (Política Nacional de Alfabetização) imposta pelo MEC através de decreto em 2019. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 10, p. 1-12, 2019b.

PULIEZI, Patricia. **Alfabetização fônica**: teoria e prática na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2019.

SILVA, Nayara Pâmella da. **Alfabetização em questão**: o reconhecimento do papel das cartilhas no percurso histórico do processo e a essencial ascensão do método fônico. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Guia de alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2021.